

Escritos espirais na rota do amanhecer

Flávia Muniz

Foi na Serra do Divisor que fiz minha assinatura. Meu decreto: continuar a ascensão ao sol ou escurecer de uma vez por todas - a hora da partida. Estive perto, toquei a mão da morte, perdi a carne, cheguei aos ossos. Uma grande palma segurou-me pelos fios de cabelo que ainda restavam. O pior foi para os que enxergam na suposta dor alheia as próprias cicatrizes supurando o desassossego da separação.

Escrevo para lembrar. A memória é traiçoeira. Dissipa-se em nuvens a cada nova dor. A que senti não foi a do observador. Ela não se resumia a estar ali deitado, imóvel, fraco, perdido em lugares induzidos pelo coma. Era anterior a minha chegada ao mundo. O vírus da cegueira estava em minha alma e a manifestação da doença refletiu-se tardia, no espelho objeto-remédio de minha cura. Nomear doenças é engavetar neuras em salas de dispensa que fragmentam angústias. E foi assim que me tornei germinador de futuros.

O futuro é flor que nasce em terras do agora. Viver na imensa aldeia terrestre enche meu presente de prazeres solares. Cada vez que germino nova ideia sinto-me o próprio titereiro, capaz de fazer a humanidade inteira caminhar com os pés até o tempo de aurora. Os pés de meus títeres têm dendritos no lugar de dedos, para que pensem por si mesmos e obedeçam aos seus parassimpáticomandos. Utilizo-me de lágrimas de poetas que inundam de esperança o grão indivisível do mundo. Anjos sopram névoas – inspiro fios conectores de linguagem cósmica. Do magma faço fábulas incandescentes

ateadoras de todos os fogos. E atirado a terra, suplico de joelhos que os ouvidos sejam prolongamento de estrelas.

Hoje me apareceu em sonho, um frei. Disse-me: insano plantio extensivo. Vem do recôndito de luzes de outrora. Curto-circuito das voltagens do tempo.

Espirais. Quanto mais distancio das bordas superficiais, mais retorno ao âmago da questão: admitir que chegamos sós, existimos sós, partiremos sós. Estendemos o braço para alcançar o outro, solidários que podemos ser, mas quase perdemos em reveses.

Enquanto a chuva cai lá fora um simulador de segredos conta-me seus aléns. Não dispense arestas. Sou aquilo que posso, dentro de minha catedral. Enfeito as portas com bandeiras de cores, porque sou um refletor a captar frequências de sóis que nascem cedo. Quanto a ti posso apenas deixar estas impressões. Aqui estão as sementes. Ajudo nisto porque tenho aliados.

Foi a experiência do feijão no algodão. Acho que foi isto. Ainda criança fantasiei-me de anjo e depois caminhei onde nem seres abissais alcançam. Tais lembranças já não me enfiem facas ou punhais porque sou o que sou. É da lama que nasce a flor de lótus. Tornei-me um ser humano alheio a tantos desejos. Foi num estalo. O limite da vida reanima. Saí menino cheio de esperanças.

Esta agricultura somente admite a ética. E para haver ética deve haver justiça. Aquela dos olhos fechados e balança em punho. Veja a inteligência do sol: ele não escolhe condição, raça ou credo para irradiar sua luz. E por que não agir como estrelas, se somos resto de poeira cósmica?

II

Desvendando os mistérios do homem que sou, procuro manter-me quieto. Sou fotógrafo de almas. Observo humanos: esquinas de gente e olhar de gente. Mão e antebraço antes mesmo de nomes. Solidariedade: meu lugar de palavra e oração. Ajoelho-me no sal da Terra.

Amor é desaguar marés. Não me calço telas planas. As lentes avistam o inimaginável do homem. A boca abriga o desdizível da língua. Não amargo letras. Disparo o coração do tempo cada vez que me humanizo diante do outro.

III

Para morder estrelas deve-se espanar a poeira do peito e afiar os dentes em pedras de amolar facas. Andarilhos das noites, descalçamos o chão dos céus. O sol é maior que a Terra. O infinito é maior que o sol. Os humanos carregam pequenas certezas. A dor *hermana* e funde o núcleo do ser – ele espreguiça.

IV

Antes de escamar a pele segui despindo as reentrâncias. Encontrei falésias. Na iminência de sucumbir saltei sem pára-quadras. A areia tocou meus pés descalços cheios de lembranças dos lugares por onde andei. Num pisca-pisca de sequências-fragmento, minha vida era uma Virgem-Maria comigo nos braços. Estas desconstruções são ruínas que extravasam os poros, destilam apuros, supuram feridas em caudalosas vias. Desembocam no inevitável destino: deixar-se voar solto em liberdade. Depois, não há partícipio inerte. São pólvoras em constante combustão poética.

V

Estou vivo. Estou vivo. Estou vivo. Poema de coração é bater todo dia. Pavios acesos encorajam labaredas. Jamais embrutecer pelo peso das horas. Dignidade não é oferta de feira. É conquista-escalada. Ser humano é habitar instantes. É isso que distingue a criatura do sopro. Não somos espectadores do mundo. Cada homem carrega dentro de si suas próprias vísceras.

Flávia Muniz faz canções e é vocalista da banda *Luisa mandou um beijo*. Estuda MPB, na Unirio. Lançou em 2008 a história em quadrinhos inspirada nos direitos humanos *Quero Ver Verdejar*, pela editora Multifoco. [Boa tarde, Senhor Smith](#).